



**MARIA DIMPINA DE ARRUDA LOBO  
OU  
MARIA DIMPINA LOBO DUARTE**

*Nilza Queiroz Freire*

Nasceu aos 15 de maio de 1891 em Cuiabá, filha de Francisco de Arruda Lobo e Amélia Inocência.

Bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano no ano de 1909. Foi a primeira aluna (sexo feminino) que alcançou esse título nesta tradicional Escola.

Fundou o Colégio Particular São Luiz, do qual foi proprietária, Diretora e professora. Casou-se com Firmo Pinto Duarte, sendo mãe de sete filhos.

Ingressou no funcionalismo federal, através de concurso para postalista dos Correios e Telégrafos, obtendo o primeiro lugar entre os participantes de todo o Brasil. Foi a primeira mulher funcionária pública do Estado de Mato Grosso, uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes e da Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino. Fundou e foi a primeira Diretora da Escola Doméstica Júlia Lopes de Almeida.

Destacou-se à frente dos trabalhos da Liga de Assistência aos Lázaros.

Foi uma das fundadoras da revista *A Violeta*, da qual foi diretora, redatora e efetiva colaboradora.

Escreveu também na revista *O Garimpeiro*, editada pela Missão Salesiana em Guiratinga.

Lutou pela construção de uma Estrada de Ferro para o norte de Mato Grosso e também por rodovias.

Tem uma obra editada: *Folhas soltas* (1955), sobre a Família.

Obteve medalha de prata num concurso de âmbito nacional promovido pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

Foi por muito tempo oradora e líder das mulheres mato-grossenses, destacando-se da luta pelo voto feminino e outros direitos da mulher.

A Prefeitura municipal de Cuiabá conferiu o seu nome a uma das escolas no bairro Coxipó da Ponte e uma rua no Bairro Boa Esperança.

Para falar das atividades literárias de Maria Dimpina Lobo Duarte, recorri à memória da Acadêmica centenária, Maria de Arruda Müller – sua amiga –, a qual, secretariada pela filha Helena Müller de Abreu Lima, assim se expressou:

*Conheci Maria Dimpina ainda solteira, quando iniciamos a criação do Grêmio Júlia Lopes, ao qual pertencia a Revista "A Violeta". Maria Dimpina foi aluna do Liceu Cuiabano, sendo, naquela época, uma das três moças a estudar em colégio misto.*

*Fez concurso para os Correios e foi nomeada desde então.*

*Abriu curso particular e, dentre seus alunos, estava Firmo Pinto Duarte que, mais tarde, tornou-se seu esposo.*

*Desde o início da criação da Revista "A Violeta", Maria Dimpina foi uma colaboradora assídua, eficaz e de idéias muito adiantadas para a época. Assinava com vários pseudônimos, entre eles, "Arinapi" e "Correspondência de Dona Martha".*

*Muito inteligente, desde o início, brilhou nos textos que editou.*

Para apreciação das suas idéias, faremos uma amostragem das suas crônicas, escritas com muito amor à Deus, à Família, à Cuiabá, ao Estado de Mato Grosso e à Pátria brasileira.

## AMOSTRAGEM LITERÁRIA MATÉRIAS PUBLICADAS NA REVISTA "A VIOLETA"

### Instrução

Muito buscamos fazer nestes últimos anos, principalmente pela instrução; muito temos conseguido, é verdade, mas também é inegável que muito nos falta.

E enquanto o lar não for a escola, e a escola não for o lar, teremos de lamentar essas pequenas faltas.

Percorrendo os lares encontraremos também duas correntes distintas, uma daquelas cujos pais quotidianamente completam no lar a obra do mestre, outra, ou daqueles que a destroem ou daqueles que a enfraquecem porque ignoram talvez que a melhor obra do mestre é fraca, se lhe falta o apoio do lar.

[19-11-1918 – (a) Arinapi]

### Crianças de ruas

Uma das primeiras necessidades que reclama particular atenção e vivo interesse por parte não só da nossa população, como dos nossos governantes, é a vigilante fiscalização das crianças nas ruas.

É muito sensível o modo pelo qual estas crianças longe da tutela dos pais, vão degradando-se, corrompendo-se, fazendo-se perdidas.

E causa pena vê-las! Alegres, joviais, inteligentes, desperdiçam essa inteligência em troca de pequeninos prazeres que as corrompem — o jogo, o fumo, etc.

[24-09-1919 – (a) Arinapi]

### Literatura

Em dias da semana atrasada, no Cine Parisien, desenrolou-se um espetáculo raro em nosso meio: o primeiro, feito por uma mentalidade feminina.

Madame Andradina, a festejada conferencista que Cuiabá tem a honra de hospedar, fez a sua estreia, nesta cidade.

Escritora inteligente, agrada pelo estilo e pelos conceitos; verdadeira oradora, maneja com tanta facilidade a sua palavra, tornando-a triste, entusiástica, engraçada, arrogante ou amável, segundo a exigência do assunto.

[s.data, (a) Araripi]

### Construção da Estrada de Ferro

Desde que iniciamos a publicação da "A Violeta", tornei-me propagandista de uma estrada de ferro que unisse Cuiabá aos centros civilizados.

A Estrada de Ferro Norte Mato Grosso, concessão do Governo do Estado a uma acreditada firma paulista, cujos trabalhos foram iniciados, sempre teve em mim uma entusiasta fervorosa.

Otimista intransigente, nunca perdi a esperança de ver realizara esta grande obra, fadada a resolver todas as outras necessidades e destinada ao maior incremento da agricultura, da pecuária, da indústria, do comércio, da povoação do solo.

Esta estrada solucionaria o problema dos transportes, pois, há anos não possuímos outro meio de comunicação senão o fluvial, dificultoso e péssimo pelos rios Cuiabá e Paraguai.

Constroem-se prédios, melhora-se a viação urbana, fundam-se sociedades de cultura e só lhe falta o principal, o problema único: comunicação.

[s.data – (a) Maria Dimpina]

### Conselhos aos jovens

Manda a moral que defendamos a nossa honra e a nossa integridade, acima de todas as paixões e assim triunfará o patriotismo, crescerá a virtude, estiolará o vício, tudo para a glória e honra da Nação.

[out. e nov. 1942 – (a) Maria Dimpina]

### Arte (Música)

Falemos hoje da Música.

O piano não está abandonado de todo. As professoras Maria de Lourdes e Dunga Rodrigues nos mimoseiam de quando em quando com uma de suas bem organizadas audições, comprovantes da perícia de quem ensina, e do gosto artístico de quem aprende.

Mas o piano está só!

Abandonado de outros instrumentos que o auxiliavam, chora saudades infindas de José Estêvão Corrêa, de Januário Rondon, que tinham, ainda em família, um conjunto de violino, bandolim, flauta e violoncelo, uma verdadeira escola de Arte, atestando a nossa educação primorosa e sentimental!

Avante, pois, quem tem, além de capacidade, patriotismo; por quanto trabalhar para o progresso espiritual e educacional do povo é por em ação os verdadeiros sentimentos de amor à terra do berço.

[30-09-1944 – (a) Maria Dimpina]

### Divórcio

Quereis um amor duradouro e uma felicidade perfeita? Respeitai a promessa que fizestes um dia depois de longo namoro, de duradouro noivado, naquela época em que ela era tudo para vossa felicidade e tudo fazíeis em troca dessa almejada união.

Não é o divórcio que lhe restituirá a felicidade perdida!

Até aqui não falamos de desamparo dos filhos do casal desunido.

Na alegria e na dor, quão agradável e consoladora é a doce união dos pais para gozar ou sofrer a sorte de seus filhos!

[07-09-1945 – (a) Maria Dimpina]

### Arte (Pintura)

Nenhum assunto nos colocaria mais à vontade, presentemente, que esse que nos proporcionou uma grata notícia de que fomos conhecedora por uma irradiação transmitida da Capital da República: Inês Correia da Costa, nossa ilustre coestaduana, sob os auspícios do Instituto Brasil-Estados Unidos faziam uma exposição de Pintura, sua primeira e grande exposição de Arte.

Não nos foi surpresa a glorificação do nome de Inês Correia da Costa, rebento ilustre e vigoroso de duas famílias que se destacam pela cultura e pela inteligência.

Inês é filha do saudoso Coronel Pedro Celestino, ex-Presidente e ex-Embaixador de Mato Grosso no Senado brasileiro, vulto inconfundível de nossa história política e que além de inúmeros e relevantes serviços ao nosso Estado deixou, qual monumento que, nem a ação do tempo poderá destruir, a reforma da Instrução Pública Primária do Estado, obra de sua iniciativa aqui realizada pelo grande educador paulista, Leovegildo Martins de Melo.

E esta vocação para a cultura transmitiu à sua geração, da qual a filha é um exemplo vivo.

[28-11-1945 – (a) Maria Dimpina]

### Cidadania

Para que o Brasil, porém, se mantenha firme, de pé, altivo e nobre, é preciso que haja dentro do seu território, paz, união, povo sadio, comércio ativo, agricultura produtiva, pecuária bem amparada, isto é, que o Brasil aproveite de suas riquezas em benefício de seus próprios filhos e que, estes, sejam patriotas verdadeiros, colocando a Pátria acima de interesses pessoais.

É preciso, enfim, que cada brasileiro seja um cidadão e que nenhuma atitude venha tomar a não ser aquela que coloque, acima de tudo e de todos, os interesses, a elevação moral e a economia da Pátria.

[31-03-1946 – (a) Maria Dimpina]

### Direito a voto

Dirigindo-se à mulher cuibana:

Você vai dar voto para escolher o primeiro Magistrado do País, o Presidente da República, e os Senadores e Deputados que irão elaborar as leis que deverão decidir dos nossos destinos, da sorte de nossos filhos e, quiçá, até de nossos netos.

Já pensou você, pois, o que pode ser o seu voto para a desgraça humana se não tiver você a força necessária para colocar os interesses da coletividade acima de suas simpatias pessoais?

Pensar e votar, mas votar bem é o seu lema!

As urnas! Pensamos que só existem duas testemunhas que vêm como e em quem você votou: Deus e a sua consciência.

Deus que tudo vê e sua consciência que julgará a você, ou com a paz que é dada aos que praticam o bem, ou com o remorso que eternamente aflige os que andam mal com ela.

[s.data – (a) Maria Dimpina]

### Democracia

Estamos em pleno regime democrático.

Está promulgada, felizmente sob a proteção de Deus invocada pelos legisladores, a Constituição que deve reger o nosso País.

Ouvimos, não sabemos se atribuída com propriedade ou mal disfarçada calúnia, que, um dos grande homens que o Brasil conta atualmente, deixou, em um momento de aborrecimento talvez, escapar a frase; não há penicilina que cure o Brasil!

Queremos crer que um sistema de cura pela auto-sugestão individual de cada um dos que são responsáveis pelos interesses e destino da coletividade brasileira cuidando do bem geral antes do seu próprio, deixaria o nosso País não só livre destes choques nervosos, mas, ativo para os importantes empreendimentos que engrandecem os povos.

Não somos feministas na acepção vulgar do termo.

Não temos compromissos partidários.

Somos pela democracia, pela obediência às leis.

[set. e out. 1946 – (a) Maria Dimpina]

### Incentivo aos jovens

Carta aberta ao Sr. Hélio Bastos.

Nesta época em que os jovens abrindo os olhos para a fantasia mundana, envaidecendo-se de sua inteligência, começam a enveredar-se para as idéias materialistas, ateístas e outras que tais, o Sr. aos 18 anos, se mostra um espírito altaneiro, elevado, digno de ser imitado, ponto a sua inteligência ao serviço de Deus, à elevação moral da Família, à glória e ao amor de seus pais.

Agradeço o mimo delicado e precioso de seu poema e desejo que ele prepare muitas famílias para festejarem Bodas de saudades, como

Antônio José e Maria Isabel, personagens de sua criação, em seu sempre encantador poema.

[S. data – (a) Maria Dimpina]

### Família

Leiamos um pouco de D. Júlia, essa mulher inconfundível que pôs a sua pena ao serviço de formação inteligente da família brasileira, e cuja vida e família, foram livros abertos aos olhos de quem os quisesse ler.

Empolgada pela leitura de conceitos desta ordem ditados por esta genial patrícia é que dei início à minha formação cultural, como redatora d' "A Violeta".

E ainda é porque, quando se me depara a ocasião fortuita, não me afasto desta idéia: contribuir sempre que for possível para a educação eficiente da mulher para o lar, que serviria de tema à palestra que eu faria ao microfone d' "A Voz do Oeste" para atender ao gentil convite do competentíssimo e operoso Diretor do Centro de Saúde do Estado.

[S. data – (a) Maria Dimpina]

Maria Dimpina Lobo Duarte foi casada com o meu tio materno Firmo Pinto Duarte.

As famílias, naquela época, se visitavam e até passavam o dia na casa de parentes e amigos; minha lembrança busca a imagem daquela família que estava sempre unida: pai, mãe, filhos.

O casal trabalhava nos Correios e Telégrafos, em horários diferentes, enquanto ela atendia à burocracia da então ECT, no interior da Agência-Centro, em Cuiabá/MT, ele prestava serviço na parte térrea, diretamente em contato com a clientela da repartição, conforme a escala de trabalho, seu horário se estendia até às 21:00hs.

Pretendo tirar, da memória, cenas domésticas que me ficaram gravadas, relacionadas com a família Lobo/Duarte; são elas:

### Causas Sociais

Em determinada época, quando o casal Maria Dimpina/Firmo trabalhava na Agência Centro dos Correios e Telégrafos, em Cuiabá/MT, o Governo transferiu para Cáceres-MT, o cabeça do casal, Firmo Pinto Duarte. D. Maria Dimpina sempre soube se expressar..., ainda mais para defender causa própria... Pois bem, ela se dirigiu ao Presidente Getúlio Vargas – no seu primeiro mandato (03-11-1930 a 29-10-1945) –, através de uma exposição de motivos, explicando-lhe a inconveniência de se transferir somente um dos cônjuges e alertando para o desfecho da família, a maior

célula da sociedade... Em função disso – no 2º mandato do Presidente Vargas (31-01-1951 a 24-08-1954) –, D. Maria Dimpina viu sua luta vitoriosa com a publicação da Lei nº 1711, de 28-10-1952 – “Estatuto dos Funcionários Públicos”, que regeu os funcionários públicos federais até 10-12-1990 –, na qual foi consignado o seguinte:

*Seção VII – DA LICENÇA À FUNCIONÁRIA CASADA*

*Art. 115 – O funcionário casado terá a licença sem vencimento ou remuneração, quando seu cônjuge for mandado servir, ex-officio, em outro ponto do território nacional ou quando eleito para o Congresso Nacional.*

*§ 1º – Existindo no novo local de residência repartição do serviço público centralizado ou de autarquia federal o funcionário será nela lotado enquanto ali durar a permanência do cônjuge.*

*§ 2º – A licença e a remoção dependerão de requerimento devidamente instruído”.*

Foi a força do palavreado da D. Maria Dimpina que levou o então Presidente a adotar a licença “ex-officio” no caso da transferência de um dos cônjuges, cujo benefício está confirmado na Lei nº 8112, de 11-12-1990, que substituiu aquele Estatuto, no Regime Jurídico Único.

Este item foi incluído na matéria “Mulheres de Mato Grosso”, de minha autoria – na qual destaquei três elementos femininos, entre eles, Maria Dimpina Lobo Duarte –, publicada no jornal *Caminhando* da Universidade Federal de Mato Grosso, edição de 08-03-1991, página 5.

Religião

Católica fervorosa, além de preparar a si e à família, espiritualmente, para as funções da Semana Santa, providenciava roupa nova a todos, a fim de se apresentarem dignamente.

Em seguida, vinha a Páscoa, que nunca passou despercebida na sua casa. Juntamente com as amigas de Aidinha Epaminondas, Elza Nigro entre outras, Maria Dimpina Lobo Duarte participava, também, da recepção após a comunhão pascal, incluindo desde guaraná ralado, considerando que, naquela época, os participantes deviam estar em jejum, para receber a eucaristia.

Essa celebração pós Páscoa – chá com bolo –, acontecia no Seminário da Conceição (ao lado da Santa Casa de Misericórdia), sob as vistas do Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Entusiasta da Música

Numa das visitas que lhe fizemos, ela nos recebeu e chamou o tio Firmo que se encontrava no quintal, cuidando das plantas; como ele não atendia, ela nos disse: *Vou chamá-lo com música*, e foi dedilhar o piano. Logo o tio apareceu para apreciá-la, trazendo a colheita das fruteiras que cultivava.

### Retribuição de presente

Falando anteriormente em fruteira, minha homenageada ganhou de uma amiga de São Gonçalo – ½ dúzia de xícaras; retribuiu a fineza com a produção do seu quintal, argumentando o seguinte: *Você me presenteou com material da Indústria; eu retribuo com colheita da Agricultura.*

### Ancestrais

Na família Pinto Duarte, de onde se originaram 10 (dez) irmãos, somente os filhos do tio Firmo têm ou tiveram nomes dos seus ancestrais, pelo valor que a D. Maria Dimpina conferia aos antepassados. Vejamos, a seguir: Francisco (nome do avô materno); Joaquim (nome do avô paterno); Maria Eulália (o primeiro, em homenagem à Virgem Maria, o segundo, reverência à avó paterna); Firmo (nome do pai).

### Juventude

D. Maria Dimpina tinha muita preocupação com a mocidade, fora dos bancos escolares e arredia da boa educação, feita em casa. Sempre que havia oportunidade, os aconselhava, pessoalmente ou através das suas valiosas crônicas. Para o elemento feminino, da sua amizade, presenteava com o livro *Boas Maneiras*, uma forma de contribuir para a fineza da mulher.

Minha irmã Vanildes, afilhada do casal Maria Dimpina/Firmo, foi uma das que recebeu aquele livro.

### Oratório

Na sua casa, na sala de visitas, havia um belo nicho com os santos da sua devoção; aquele lugar era sagrado e, por isso muito respeitado pelos seus filhos.

Quando vieram os netos – filhos de Lalita, que morava na casa vizinha –, estes aproveitaram a ausência da avó, para manusear os santos. Quando D. Maria Dimpina chegou dos Correios e Telégrafos, observou as imagens em posições diferentes e exclamou: *Quem mexeu no meu oratório e deixou os santos emparelhados, como se fossem dançar quadrilha?...*

Esse oratório devia ser destinado ao primeiro neto que constituísse família; daí porque se encontra na casa do Júlio César, em sala de destaque, como era o gosto da avó.

### Cenas de amor

01 – o Casal Firmo/Maria Dimpina tinha um hábito singular: comia no mesmo prato, desde o dia do casamento; o prato ficava na quina da mesa, tendo meu tio na cabeceira e, ela, do seu lado direito. Essa singularidade presenciei não só na residência do casal, mas, também, num dos restaurantes do Rio de Janeiro.

02 – Ainda, no Rio de Janeiro, então Capital Federal, a convite do filho Francisco (Lelito), meu rio Firmo se aprontava para ver uma disputa entre Flamengo/Fluminense, o comentado “Fla-Flu”, a ser realizado no Maracanã.

D. Maria Dimpina perguntou onde iam e, quando soube do programa, se animou a acompanhá-los. Meu tio se espantou e lhe disse: *Maria, não a convidei porque você não gosta de futebol*, ao que ela respondeu: *Gosto de todo lugar onde eu possa estar com você; além disso irei conhecer o Maracanã* e foi tratando de se vestir.

03 – Como se sabe, o mato-grossense é o maior consumidor do guaraná produzido no Amazonas. O casal Maria Dimpina/Firmo não fazia por menos, incluindo, nas suas despesas, o bastão de guaraná, para ser ralado em casa, antecipando o horário de uso.

Essa tarefa competia ao tio Firmo; ele se levantava mais cedo para ralar o guaraná e, ao terminar a tarefa, dava três palmadinhas do bastão na grossa, avisando à esposa que o serviço estava feito.

Em seguida, D. Maria Dimpina se levantava para preparar a bebida e, juntos, cada qual com seu copinho, tiraram o jejum, saboreando a primeira bebida do dia.

04 – Na casa de D. Maria Dimpina, o amor estava no ar as 24 horas do dia, nos mínimos detalhes.

O casal, como dissemos acima, era apreciador do guaraná, tomado duas vezes ao dia: uma primeira bebida e duas horas após o almoço.

Quando o tio Firmo pegava o serviço a partir do meio dia, ela levava o guaraná para ele; da mesma forma ele retribuía, quando a esposa estava trabalhando.

A família morava na rua Barão de Melgaço, perto da Assembléia Legislativa e o Correio-Central, no mesmo lugar onde se encontra – na Praça da República.

É oportuno dizer que a população andava a pé.

05 – Pela sua experiência de vida, era uma ótima conselheira, principalmente nos assuntos de Família.

Ao perceber a tristeza de uma sua amiga, cuja alma fora invadida por nuvens tenebrosas, escreveu:

Elas passam... e a bonança vem, sem que te apercebas desses vaivéns da sorte!

O mundo canta quando a gente chora!...

E, sendo essa tristeza relacionada com o marido, não saía por aí falando mal dele... O dia em que eu, Maria Dimpina, tiver a coragem de depreciar meu marido, deverei ter, também, a dignidade de me separar dele.

É preferível ter-se a ventura, como disse o Poeta, de parecer aos outros venturosa!

06 – Cuidadosa com os filhos, confiava a instrução deles aos salesianos; a educação era feita em casa, com religião, verdade, energia e amor.

Quando os filhos eram pequenos, D. Maria Dimpina os preparava para declamação, canto, mensagem de carinho, etc, a fim de ser apresentado ao pai, tio Firmo, por ocasião de seu aniversário.

Como se viu, pai, no conceito dela, não era somente o pagador de despesa, mas o chefe da casa, merecedor de todo o respeito e carinho.

### Lançamento Literário

Em 1955, quando o seu filho Firmo se ordenou sacerdote salesiano, D. Maria Dimpina publicou a obra *Folhas Soltas*, sobre a Família.

Após a folha de identificação, leremos *Oferenda*, dedicada ao padre Firmo Pinto Duarte:

1944 – FIAT! Separei-me de ti com resignação e confiança cristã.

1955 – MAGNIFICATI! É a minha alma agradecida que entoa seu canto de alegria ao beijar-te as mãos unguadas pelos misteres sacerdotais.

Jesus! Maria! Agradeço, com meu dedicado esposo, companheiro solidário comigo em todos os momentos, a grande dita de sermos pais de um Sacerdote e vos pedimos, seja ele um Santo Ministro de Deus.

**Conversando com ela sobre o padre Firmo, assim se expressou: a cada hora em que me lembro ser mãe de um sacerdote, faço, mentalmente, a seguinte jaculatória: *Meus Deus, eu não sou digna.***

### Dedicatória

Na folha seguinte da obra *Folhas Soltas*, acham-se as outras dedicatórias:

A Firmo, meu bem querido esposo, o grande incentivador da minha constância, como jornalista

Após meus caríssimos filhos, aos quais pretendo deixar nestas singelas páginas o exemplo da perseverança e do trabalho e a perpetuação do cuidado que sempre tive em educá-los para Deus, para a Pátria e para a Família.

A referida obra é feita de amor, do começo ao fim; o esposo, tio Firmo, e cada filho recebeu uma ou mais mensagens, além de amigos queridos.

Reli *Folhas Soltas* graças à valiosa colaboração da minha irmã Vanildes, afilhada do casal Maria Dimpina/Firmo; a obra em questão, editada há mais de 40 anos – amarelecida pelo tempo –, traz a seguinte dedicatória:

Aos caríssimos Edgard/Vanildes, com o meu cordial abraço. A  
autora, em 11-12-1955.

### Festas pós ordenação

Ato contínuo à ordenação do filho Firmo, o casal recebeu os convidados para um laudo almoço.

Na programação seguinte – três dias de missa –, foram servidos “chá com bolo” aos presentes, nas acomodações de cada igreja. As amigas Aidinha Epaminondas e Elza Nigro sempre estiveram à frente dos preparativos.

Para cada ato religioso – a ordenação propriamente dita e as três primeiras missas –, D. Maria Dimpina usou vestido novo, previamente confeccionado por D. Nenê, respeitável costureira do bairro Mundéo. Ela se preparou espiritual e materialmente para receber o filho sacerdote, tal a sua alegria.

### Regalia do Padre Firmo

Os sacerdotes e as freiras mato-grossenses e cuiabanos, quando estavam em Cuiabá, ficavam com seus familiares durante o dia, mas, à noite, recolhiam-se às respectivas casas religiosas.

Com o Padre Firmo era diferente...; ele se hospedava, de corpo e alma, na casa dos pais. Foi, então, que perguntei à D. Maria Dimpina:

– Por que era permitida essa regalia ao seu filho?

Ao que ela me respondeu:

– *Porque nossa casa é salesiana.*

### Dinamismo

Apesar das suas ocupações de funcionária pública, dona de casa, esposa e mãe, nunca se afastou das suas atividades literárias e religiosas.

Além de ser uma das fundadoras da revista *A Violeta*, da qual foi diretora, redatora e efetiva colaboradora, foi a fundadora da União de Ex-Alunas Salesianas de Cuiabá, sendo uma das Presidentes.

No Colégio Coração de Jesus, na sala da Ir. Hilda Bodstein, existe a galeria de Presidentes da referida União de Ex-Alunas, onde a D. Maria Dimpina se destaca.

A sala foi inaugurada com o retrato dela, sendo que, o Padre Firmo – seu filho –, fez a celebração, oportunidade em que se reuniram todas as Presidentes.

### Escola de Serviços Domésticos

Como funcionária pública, trabalhando fora, D. Maria Dimpina conhecia – mais que outras donas de casa dedicadas somente ao lar – as necessidades de ter uma auxiliar para ajudar nos serviços domésticos. Pois bem, apareciam as ajudantes, porém, sem nenhum preparo para dominar, com sabedoria, os serviços aos quais se propunham.

A partir dessa realidade, fundou a “Escola Doméstica Júlia Lopes de Almeida”, da qual foi a primeira Diretora.

Além dos serviços domésticos propriamente ditos, a Escola em questão ensinava trabalhar com economia – qualidade rara no profissional dessa área –; ensinava boas maneiras no trato, assiduidade, pontualidade, asseio consigo e no serviço, respeito aos patrões, etc.

### Educação da filha

Contrastando com os serviços domésticos, certa época, minha prima Lalita manifestou vontade de aprender a tocar piano.

A mãe, D. Maria Dimpina disse que, além de encaminhá-la ao estudo da Arte, iria ensiná-la, na ocasião oportuna, os serviços de copa, da cozinha, enfim, todos os serviços domésticos, ao que a filha respondeu com desdém:

– *Deus me livre!*

A palavra retornou à mãe que lhe disse, em resposta:

– *Minha filha, a Música é um ornamento da inteligência, a arte culinária é uma necessidade do corpo. Não se admite um espírito culto, predisposto ao Belo, num corpo enfraquecido e mal alimentado. Se há uma vaidade intolerável na mulher, seja essa de detestar os humildes serviços domésticos que lhe pertencem.*

*Uma senhorita que executando uma sonata ao piano, cora-se para contar que teve necessidade de preparar o jantar da família, não é educada.*

### Recepção a noivo

A prima Lalita, sua filha, já comprometida para o casamento, desejou convidar o noivo para almoçar com ela aos domingos e, para isso, solicitou opinião da sua mãe, Maria Dimpina; esta lhe respondeu:

– *Pode contar com o meu consentimento, desde que você faça os almoços, para que ele veja seu desempenho e possa sentir que, tendo competência, poderá comandar, futuramente, uma auxiliar doméstica.*

E, diga-se de passagem, a Lalita é uma excelente quituteira!

### Divisão de trabalho

Dizem que os americanos ajudam as mulheres nos serviços domésticos. Na casa dos meus tios, essa prática envolvia ambos os sexos...; quantas vezes, estávamos em visita aos queridos parentes, quando ela, D. Maria Dimpina mandava o filho caçula, Firmo – hoje Padre Firmo – preparar o café e servir aos visitantes.

Criando quatro filhos, sendo três do sexo masculino, os serviços deviam ser divididos, principalmente para não sobrecarregar a única filha.

Dessa forma, qualquer um dos filhos era totalmente afinado para atender às ordens da mãe.

### Centenário de nascimento

Pelo relacionamento que a D. Maria Dimpina sempre manteve com as instituições Salesianas, o Colégio Coração de Jesus festejou seu centenário de nascimento, a 15 de maio de 1991, cuja programação – iniciada com missa celebrada pelo seu filho, Padre Firmo – esteve a cargo da citada Ir. Hilda Bodstein.

A solenidade seguinte realizou-se no teatro da mesma Instituição educacional, onde tive a oportunidade de falar, representando a família do marido – Pinto Duarte; Maria de Arruda Müller discursou sobre a amiga querida, chegando a se emocionar com a sua perda; Pedro Rocha Jucá fez sua oração representando o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; a neta, Carolina – a querida Calu –, filha do Joaquim (Quinco), representou a família Arruda Lobo; finalmente, falou o Padre Firmo, agradecendo a homenagem.

\*\*\*\*\*

Prosseguindo, farei amostragem da coragem da D. Maria Dimpina e do seu temperamento para vencer os obstáculos.

Conta-nos seu filho, Padre Firmo, no discurso que fez em Barra do Garças/MT, quando recebeu o título de cidadão barra.garcense:

Meu pai, abnegado telegrafista foi transferido de Cuiabá para a remota estação telegráfica dos Tachos, na área indígena de Meruri.

Jogados em cima da carga de um caminhão, fizemos a longa e arriscada viagem. Minha mãe contaminava a todos com uma grande alegria que brotava de seu espírito de mulher corajosa e inteligente.

Serras íngremes, rios, areões, pântanos e uma série de obstáculos intransponíveis eram vencidos pelo motorista, acostumado com aquelas ocultas e primitivas paragens.

Havíamos feito mais da metade do caminho quando quebrou o eixo do caminhão. Bem me lembro, era um sábado ensolarado. Debaixo da

canícula ardente, caminhamos o dia todo, para alcançarmos a fazenda Fortaleza, do Sr. João Gabriel. Pediu-lhe, o motorista, dois favores: um cavalo a fim de retornar a Cuiabá em busca de recursos e a hospedagem para a família do telegrafista.

Fomos colocados na tulha de milho. Exaustos da viagem e retraídos pelo incômodo que parecíamos dar, acabrunhados, passamos ali aquele domingo. Até o sorriso desaparecera do rosto da Mamãe. Segunda-feira, pela manhã, a criançada da fazenda começou a se preparar para as aulas. Mamãe ficou sabendo que o professor era um velho mestre-escola. Propôs lecionar por aqueles dias e a substituição foi feita com reservas. O resultado, porém, logo apareceu. Do rancho de milho, passamos a ser hóspedes de honra ca Casa Grande. De filhos de intrusa, fomos considerados como filhos da professora.

Na fazenda Fortaleza ficamos um mês inteiro, até que retornasse o motorista de Cuiabá. Na hora da partida, os alunos agarrados na saia de Mamãe, diziam a uma só voz:

– Não vá embora, professora, não vá embora!!!

*O espírito maravilhoso da criatura que me deu o ser, mostrou-me esta sua primeira manifestação de carinho a este leal e nobre povo do Leste, ensinando-me, desde criança, a adaptar-me aos ambientes e às pessoas, criando o clima de amizade sem o qual nunca pode haver o verdadeiro apostolado.*

Outra faceta de D. Maria Dimpina, contada no discurso anteriormente referido, proferido pelo seu filho, padre Firmo, em Barra do Garças/MT:

*Em 1935, meu pai foi transferido para Lageado, hoje Guiratinga. Corria o tempo dos bamburristas e Guiratinga de antanho era a Capital dos garimpeiros. Enquanto Papai manipulava o Morse, Mamãe lecionava nos padres e juntamente com o dinâmico Diretor Padre João Duroure, fundou a revista "Garimpeiro" – porta-voz de todas as currutelas.*

Por toda essa luta de D. Maria Dimpina, cheia de religiosidade, ela me impressionou muito bem!... pela sua fé, pelo seu amor, pelas lutas sociais, enfim, ela MARIA DIMPINA LOBO DUARTE é uma das lembranças bonitas que eu gosto de ter, razão porque escolhi como Patronesse.

Minha tia centenária, Eulália Pinto de Barros – irmã mais velha do tio Firmo – , fazendo referência à cunhada Maria Dimpina e aos filhos desta, sugeriu:

– Pela luta da mãe de vocês e as vitórias conquistadas, vocês – repito – deviam pedir-lhe, de joelhos, sua bênção.

Ela mesma, a tia centenária, conta que conheceu Maria Dimpina como namorada do Firmo. Como a mãe Natureza amadurece primeiro a mulher, Maria Dimpina tinha os pés no chão, enquanto o Firmo ainda se envolvia com os enlevos da mocidade. A tia centenária chamava a atenção da futura cunhada para o fato, e ela, à vontade e muito bem vestida, concluiu:

- Gosto tanto do Firmo que, se hoje visto seda — segurou o vestido —, poderei vestir chita, desde que seja ao seu lado.

E cumpriu o prometido porque, o casamento de Maria Dimpina/Firmo persistiu na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte dela, em 10 de dezembro de 1966, separou o casal.

A imagem de Maria Dimpina Lobo Duarte sempre estará comigo, como uma figura de grande valor, a qual, havendo nascido no século passado, viveu 66 anos e 7 meses neste século XX, deixando exemplo de vida para quem a conheceu pessoalmente, e àqueles que a conhecerão pela leitura destas lembranças.

Campo Grande/MS, 02-03-1999.